

Perguntas titubeantes em torno de redes de formação docente, experiências e narrativas?

Stumbling questions around teacher training networks, experiences and naratives?

¿Preguntas vacilantes sobre redes de formación docente, experiencias y narrativas?

Tiago Ribeiro

Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES)

tribeiro@ines.gov.br

<https://orcid.org/0000-0001-7264-3388>

Graça Reis

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

francodasilvareis@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2420-0985>

RESUMO

Este texto reflete sobre formação docente e a potência do se fazer e refazer-se professor e pesquisador na relação com outros. Sublinha a força que encarnam os movimentos e processos (trans)formativos em redes e coletivos de sujeitos, uma vez que conformam *espaçostempos* polifônicos, polissêmicos e singulares, abrindo caminho para o estranhamento e a indagação. A discussão é tecida a partir de ideias nutridas por experiências e narrativas vividas/produzidas no contexto de uma disciplina de doutorado. Tal disciplina reuniu estudantes de diferentes regiões do Brasil e de fora dele. Com o foco nos sentidos expressos pelo coletivo que os participantes da disciplina formaram, com o interesse comum em pensar e conversar sobre pesquisa narrativa e formação docente, o artigo coloca em indagação modos de pensar e praticar a pesquisa e a formação. Assume a investigação narrativa como metodologia, buscando enfatizar sentidos produzidos a partir da experiência.

Palavras-chave: Narrativa. Pesquisa. Formação. Experiência. Conversa.

ABSTRACT

This text reflects on teacher education and the power of becoming and reinventing oneself as a teacher and researcher in relation to others. It underlines the strength embodied by (trans)formative movements and processes in networks and collectives of subjects, since they form polyphonic, polysemic and singular spacetimes, opening the way to estrangement and questioning. The discussion is woven from ideas nourished by experiences and narratives lived/produced in the context of a doctoral discipline. This discipline brought together students from different regions of Brazil and abroad. Focusing on the meanings expressed by the collective formed by the participants of the discipline, in which thinking and talking about narrative research and teacher education was a common interest, the article questions ways of thinking and practicing research and teachers' formation. We assume narrative investigation as a methodology, emphasizing meanings produced from experience.

Keywords: Narrative. Research. Teacher education. Experience. Conversation.

RESUMEN

Este texto reflexiona sobre la formación docente y el poder de devenir y rehacerse como docente e investigador en la relación con los otros. Subraya la fuerza que encarnan los movimientos y procesos (trans)formativos en redes y colectivos de sujetos, ya que configuran espaciotiempos polifónicos, polisémicos y singulares, abriendo camino al extrañamiento y a la indagación. La discusión se teje a partir de ideas nutridas por experiencias y narrativas vividas/producidas en el contexto de una asignatura (seminario) doctoral. Esta asignatura reunió a estudiantes de diferentes regiones de Brasil y del exterior. Con un foco en los sentidos expresados por el colectivo que formaron los participantes de ella, con un interés común en pensar y hablar sobre la investigación narrativa y la formación docente, el artículo cuestiona formas de pensar y practicar la investigación y la formación. Asume la investigación narrativa como metodología, buscando enfatizar sentidos producidos a partir de la experiencia.

Palabras clave: Narrativa. Investigación. Formación. Experiencia. Conversación.

Perguntas em forma de convite a uma conversaçãoinicial?

Pesquisar, nessa perspectiva, é um desafio compartilhado entre os envolvidos, transcende metodologias. É a artesanaria, na qual conhecimentos são compartilhados não para serem descritos, analisados numa ótica verticalizada, julgados. Nesse sentido, muda a ideia de essencialismos. Reconhecer o outro em sua legitimidade identitária é reconhecer a diferença também como legítima e necessária nos processos identitários, é buscar novas formas de entender os coletivos e sujeitos que constituem o que se chama de "humanidade", conceito moderno essencialista que esconde singularidades. (Joyce Diniz de Abreu Teixeira, 2022, s.p. Trabalho final de disciplina de doutorado).

Começar perguntando?

Perguntar? O que pode a pergunta como gesto de abrir o mundo para além de nossos limites? O que pode a pergunta como gesto de abrir o mundo para além de seus próprios limites? O mundo? Os mundos? Pluralidade? Mundo, no singular, ainda assim é plural? Uma pergunta pode diminuir a distância entre nós e a pluralidade do mundo? Fazermos-nos perguntas pode borrar um pouco as lentes com as quais olhamos a alteridade, as diferenças, as outras?

O que pode a pergunta como gesto de transbordar os sentidos? Perguntar pode ser um ato de transpassar fronteiras e pluralizar miradas? Indagar? Indagamos? Indaguemos?... Experimentação de gaguejos desde uma experiência singular? Em uma língua própria? Em uma própria língua imprópria? Em uma imprópria linguagem própria? Língua própria? Língua apropriada? Língua desapropriada? Língua comum?

Pode a escrita habitar uma própria língua imprópria e compor uma língua comum, como invenção de um território onde se possa ser e diferir? Pode a escrita afirmar as diferenças como constitutivas da pluralidade do mundo e das gentes (Deleuze, 2006)? Pode o indagar ser um modo de artistar (Corazza, 2006) e literaturizar (Alves, 2008) a vida, a pesquisa, o conhecimento, a ciência? Tremor? Artistagem? Vida? Pesquisa? Formação? Rede? Narrativa? Relato? Escrita? Partilha? Experiência? Palavra? Silêncio? Gaguejo? Tateio? Titubeio? Vida-formação? Fluxo?

Pode um texto como indagação?

Pode um texto como puro gesto de perguntar ininterrupto?

Pode um texto como forma de ensaiar, na linguagem, um território que deseja a desterritorialização?

Pode um texto como um banquete de perguntas? Fome de indagação? Pulsação de diferenças?

Por quê?

Para quê?

O meu compromisso com a construção da minha intelectualidade negra, como fala Nilda Lino Gomes, é legitimar minha voz enquanto produtor e possuidor de conhecimento, com base na minha historicidade, no complexo movimento de ser eu. Esta implicação hoje me revela muito acerca daquilo que desconheço, primeiro tornando-me estudioso deste processo, perseguidor da diferença, ciente de que a liberação da intolerância e, por conseguinte, valorização da diferença

não é um direito meu. Daí aquilo que não conheço em mim toma forma no desabrochar com o outro.

É nessa relação que me formo e ao mesmo tempo me ressignifico. Em rede, podemos nos potencializar numa perspectiva UBUNTU, como fala Ramoso, onde o “SER” e o “ESTAR” se situem na condição de “DADE” e não mais de “ISMO”. Assim, o invisível em mim e o inexistente no mundo não hão de manter seus véus por muito tempo? Quisera eu ter resposta, mas hoje tenho apenas perguntas e certas conjecturas e convicções para dirigi-las. Por agora, que futuros podem ser desenhados à sombra destas potências que um dia foram inexistentes? Deixai vir a nós as verdades inconvenientes, pois, como denota Rolnik, pensar e insurgir tornam-se uma só e a mesma prática! (André Luis de Abreu Oliveira, 2022, s.p. Trabalho final de disciplina de doutorado).

Perguntar, indagar? Gaguejar e dançar a língua? Gaguejar e dançar com a língua? Rabiscar a língua? Inventar uma língua? Uma língua para a conversação (Larrosa, 2014)? Inventar e habitar uma língua na conversação? Que língua buscamos habitar e pulsar neste texto? A partir de que experiências e corporalidades? A partir de que presenças? De que encontros e deslocamentos? De um projeto em comum? De um desejo em comum? Da tessitura de uma disciplina sobre narrativa e formação docente tecida como conversação?

Narrativas & Florescimento

Narrar.
Dar a saber quem sou.
E quem eu sou?

Sou aquela que procura nas miudezas da vida cotidiana,
no minúsculo, no detalhe minha fortaleza.

Sou aquela que acredita que muitas histórias importam porque nelas
reside a potência do devir.

Vir a ser: eu, você, todos, todas, todes... nós!
Em comunhão.
Tendo em comum o sonho - desejo permanente, vivo e constante - de
mundos mais amorosos, solidários, fraternos.
Um mundo repleto de boniteza!

Sou aquela que tem esperança enquanto luto para mudar a mim e a
realidade feia, dura, fria ao meu redor, acreditando que é possível
florescer... brotar.
Florir e ser.
Amar.
E polinizar (Marcia Reis, 2022, s.p. Trabalho final de disciplina de
doutorado).

O que pode uma disciplina de doutorado pensada como conversação? O que pode uma disciplina de doutorado pensada como *espaçotempo*¹ de encontro, de colocar o pensamento em movimento, de pensar, sentir e se transformar com as outras, entre outras? O que pode uma proposta de aula como encontro e conversa? Como se deslocar, deixar-se afetar por outras existências, outras experiências *singularsociais* (Reis, 2022)? O que pode uma proposta formativa na qual somos convidadas a ler, escrever e pensar para além do usual, do costumeiro, do que já sabemos, do que já sentimos, do que já pensamos (Larrosa, 2014; Skliar, 2014)? O que pode uma proposta formativa na qual somos convidadas a ler literatura, poesia, música, filmes, artes em geral para além dos textos acadêmicos? Uma proposta que se tece no fluxo de seu acontecer? Uma proposta que vai desenhando o caminho a cada passo, a cada conversação, a cada encontro? Uma construção comunitária, na qual há marcas e vozes e presenças e participações e sugestões de todas que a vivem?

Como assim? Uma disciplina de doutorado ao sabor do vento? Sem leme nem rumo? Será bem assim? Aqui caberia um esclarecimento? Quem está no mar ao sabor do vento não tem interesse? Não há uma força que movimenta seu corpo em estar ali, navegando? Trata-se de uma disciplina de doutorado como viagem, navegação e conversação nas diferenças, desde as experiências singulares de cada uma? Uma disciplina onde o interesse re-velado através dos temas propostos vai alimentando uma conversação que nos obsta de seguir pensando milimetricamente igual? Uma disciplina que ajuda a transver, como nos ensina Manoel de Barros? “O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê” (Barros, 1996)?... “É preciso transver o mundo” (Barros, 1996)?

O que pode o encontro? O que pode a conversa? O que pode a abertura à compreensão de que somos feitas também de ignorâncias, de preconceitos, das tessituras dos muitos sistemas de violência e opressão que existem (Kilomba, 2019)? O que pode o ensaio de uma posição de escuta em que a voz da outra ressoa, vibrando em nossos corpos a sabedoria de que nossos entendimentos de mundo não são a verdade absoluta? Pode uma disciplina como experiência de abraçar nossas ignorâncias? De assumir nosso inacabamento (Freire, 2005) frente ao mundo? Como um convite a transver?

Silêncio? Falamos da outra ou falamos inexatamente de nós?

De nós?!?! Filosofia das diferenças?...

¹ Pode o princípio da juntabilidade (Alves, 2008) ser um gesto de escrita que borra os limites dicotômicos impostos pelos binarismos modernos (teoria/prática; masculino/feminino; normal/anormal; hetero/homossexual; espaço/tempo...)? Pode a união de palavras produzir sentidos e significados outros, para além daqueles que cada uma guarda quando separadas (Ferraço, 2003)?

Pode o desejo de uma disciplina que se quer território onde podemos pluralizar nossos olhares e potencializar nossas escutas?

Poderemos nós, autoras de nossas vidas e nossos textos, partilhar nossa experiência indagando, indagando-a, indagando-nos?... É uma forma de investigar e viver? Viver e investigar? Investigação-vida (Godoy; Ramallo; Ribeiro, 2022)?

É possível um texto, uma pesquisa, uma vida que indaga, que nos indaga, feita de perguntas? Um texto/pesquisa/vida que pergunta como gesto de nutrir e movimentar o pensar? Que pergunta para não deixar dormido o corpo-pensamento? Um ensaio feito de perguntas que respiram e tremem? Um texto? Uma pesquisa-vida? Um perguntário? Um pensamento tateante grafado com palavras inconclusas? Um relato grávido de indagações e parido como inquietação acerca de nossas experiências de formação-vida, de pesquisa-vida? Um texto que não é, mas está sendo? Fluxo a partir de um interesse comum? De uma inquietação comum? Do desejo de conversar, ler, escrever e pensar sobre nossas experiências, narrativas e redes de formação? Um texto que cobra sentido na fricção com outros textos que nos habitam e existem em nós?

Escrever um texto é narrar? Viver a experiência de uma disciplina de doutorado é narrar? Escrever uma tese é narrar? Conversar é narrar? Ser é narrar?

Narramos: A única afirmação possível?

Narramos como movimento de uma presença num território através do tempo? Narrar é já ser outra coisa de si mesma, para nunca sempre? Narrar é tríplice presente: o presente do passado (memória), o presente do futuro (espera) e o presente do presente (percepção/visão) (Ricoeur, 2010)? Narrar compreende multiplicidades e pluralidades e diferenças e movimentos em todos e em cada uma, em qualquer uma?

Narrar como gesto de indagar o mundo, a si mesma, a experiência vivida?

Narrar? Rabiscar os sentidos? Indagar os rabiscos?

A partir das construções e desconstruções, permito que a experiência dialogue tal como é, apesar de ser reflexo de uma construção ocidental, mas há na sua gênese algo que precisa e pode ser descoberto e que enriquecerá aquilo que desejamos conhecer, sentir, experimentar.

A proposta será o exercício de buscar e compreender na experiência e no cotidiano os efeitos no nosso corpo que nos permitam, através daquilo que nos tornamos e pesquisamos, produzir elementos de mudança.

Que haja no meu olhar ausência,
que a falta não me assuste,
que não seja penitência,
que haja em meu caminho
algo que cure aquilo

que me cristalizou (Arlene Zimba, 2022, s.p. Trabalho final de disciplina de doutorado).

O que pode um texto como gesto de indagar experiências e rabiscar os sentidos? Pode o próprio gesto de indagar fazer tremer os sentidos? Deslizar fronteiras? Deslocar territórios? Desterritorializar? Pode um texto de perguntas? Narrar indagando? Pode este texto fazê-lo? Até que ponto? Nossa necessidade ocidental e moderna de explicar tanto, categorizar tanto, entender tanto, esclarecer tanto, conhecer tanto permite a tessitura de um texto como pura indagação? Como convite a movimentar o pensamento?

Contusão epistêmica (Flores, 2019)? Fratura semântica? Luxação linguística? Disfunção normativa? Deslimite do verbo? Titubeio? Texto-corpo? Texto-corpo-dançante? Estranhamento?

Como estudantes relatam a experiência da formação como enredamento, conversação e interrogação? O que narram desde sua experiência singular na e com a disciplina? O que suas vozes nos dão a pensar? O que as cintilações de suas vozes e as nossas próprias experiências singulares a partir do vivido têm a dizer? A nos ensinar e/ou convidar a pensar?

É possível um texto tecido entre duas docentes a partir de ressonâncias, polinizações, sentidos, reflexões e impressões vividas no contexto de uma disciplina de doutorado tecida coletivamente? É possível ensaiar ideias e indagações tendo como nutrientes encontros e conversações vividas com estudantes, em uma disciplina sobre formação docente e pesquisa narrativa na qual a aula era o acontecimento (Geraldi, 2015) do encontro e da conversação? É possível uma escritura que busca sua força em memórias, relatos, narrativas e experiências *singulaessociais* a partir de uma disciplina que se fez coletivo de sujeitos com um desejo em comum? O que nos permitem pensar, perguntar e plasmar discussões vividas no coletivo em torno de nossas pesquisas, de nossas vidas-formações (Bragança, 2018) como conversações em aberto? O que dão a pensar desafios, dúvidas e compreensões narradas sobre nossas trajetórias de investigação-vida??

Indagar e narrar a própria experiência? Revisitar o passado? Reler o presente? Reencontrar memórias? Reinventar sentidos? Narrar e recriar a vida? Fazermos-nos outras de nós mesmas? Gaguejar? Rabiscar? Dançar? Gaguejar, rabiscar e dançar? Gaguejar, rabiscar e dançar as diferenças? Nas diferenças? Cartografias narrativas? Cartografar narrativamente? Acompanhar, registrar e pensar com e no que acontece? Mergulhar com todos os sentidos *nosdocom* os cotidianos (Alves, 2008)? Viver a vida-formação e a pesquisa como aventuras trans-formativas?

Um rabisco? Um gaguejo? Um tateio? Um respiro?

Pode-se dizer do possível em uma dada língua, se em cada língua gaguejamos o impossível? Gaguejamos o impossível? Gaguejamos? Impossível?

Pode este texto ser o ato de gaguejar perguntas grávidas de ideias e modos de ver o mundo? Pode o ato de perguntar ser também um gesto de partilhar inquietações? Pode a escrita gerar um texto impossível? Improvável? Podemos seguir perguntando?

Perguntas e narrativas em torno de uma experiência de formação em rede?

Seguir perguntando? Perguntar cansa por que impossibilita a imobilização do pensamento? Perguntar abre o mundo em sua pluralidade e faz transbordar nossos conceitos, perspectivas, preconceitos? Que perguntas fazemos para tentar dar território e compartilhar uma experiência? Podem algumas perguntas ajudar nisso?

O que? Onde? Quando? Como? Por que? Para quê? (Assim se arquiteta um texto científico? Um artigo? Uma monografia? Uma dissertação? Uma tese? São fundamentais todos esses elementos? Fundamentais? Como a coluna de uma casa? Constitutivos? Como raízes em rizomas que se retroalimentam?)

O que?

Que experiência? Experiência? Vivência? Acontecimento? Fenômeno? Aqui narramos a experiência? Vivemos nós (isto é, toda a turma da disciplina de doutorado) uma experiência? Uma mesma experiência? A experiência é o mesmo que vivência? Um fato, um ato, uma ação que se vive? Ou bem um atravessamento, um tremor, um deslocamento, um sacolejo, um pensamento-sensação que nos invade, nos arde, nos balança, nos tomba, nos convida a ser outras de nós mesmas (Larrosa, 2014; 2018)? São ressonâncias a partir do vivido? Aquilo que do vivido agarra em nós, encarna, faz território em nós?

A experiência escorrega de qualquer tentativa de contenção? Ela cabe em algum modelo, regra, norma, categoria, explicação? Generalização? A experiência é algo singular, irrepetível, único? Acontecimento cintilante que viceja e poliniza nossas existências, pensares, sentires? Por isso falar das ressonâncias que a experiência nos provoca? As borbulhas que ganham corpo em nosso pensamento, em nosso corpo? Aqui do que se trata não é de uma determinada disciplina de doutorado, mas das ressonâncias, deslocamentos, inquietações e movimentos que ela provocou em nós?

O que vivemos (investigamos)?

O que aquilo que vivemos (investigamos) faz com a gente?

O que fazemos com o que aquilo que vivemos (investigamos)?

Onde?

Qual é o “onde” de nossa experiência? Dizer que é em uma disciplina de doutorado sobre formação e pesquisa narrativa não fere as regras de anonimato, né? Podemos dizer tranquilos que o nosso “onde” se confunde com o “o que”? Que é um território de conversação a partir de textos, imagens, músicas, experiências e pesquisas compartilhadas? Que se refere a reuniões virtuais de aulas tecidas em conjunto, a partir de nossos encontros, mobilizadas por questões que as professoras propunham ou que surgiam e ganhavam corpo nas próprias aulas?

Quando?

Um pronome interrogativo que há que se interrogar? Há uma experiência única de tempo? Quando estávamos todas tentando reinventar nossos modos de estar em sociedade, buscando formas de viver os processos em um mundo “pós-pandêmico²”? Sabemos o que isso quer dizer? Quando estávamos buscando compor uma disciplina online na qual diferentes vozes, de diferentes territórios culturais e geográficos, pudessem se fazer presentes? Disciplina online? Virtual? Em rede? Em um mundo já atravessado pela ocorrência da pandemia de covid-19, “em rede” tem um sentido claro? Em rede é aquilo que vivemos na internet?

Sim? Não? Também?

Uma pergunta tem muitas janelas?

Rede?

Rizoma?

Constelação?

Aqui, “em rede” é também sobre modos de constelar e, comunitária e coletivamente, viver a relação nas diferenças, tecer conhecimentos, saberes, a formação, a pesquisa, a própria vida? “Em rede” como perspectiva ecológica e constelar (Krenak, 2019)?

² A pandemia de COVID-19 é uma pandemia em curso, ocasionada por vírus identificado, pela primeira vez, em Wuhan, China, em dezembro de 2019. Em 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) classificou o surto como Emergência de Saúde Pública de Âmbito Internacional e, em 11 de março de 2020, como pandemia. Até 20 de fevereiro de 2023, 674.028.758 de casos foram confirmados em 228 países e territórios, com 6.862.924 de mortes atribuídas à doença, tornando-se uma das pandemias mais mortais da história.

Afinal, quando? No período vespertino em que nos disponibilizamos ao encontro, diálogo, indagação, estranhamento, deslocamento, (trans)formação com outras em uma disciplina de doutorado pensada como conversação em rede, em 2022?

Como?

Em rede, em sua duplicidade de sentidos? Constelando com estudantes de diferentes regiões e estados do Brasil e de países do exterior? Dialogando e narrando nossas ignorâncias e incompletudes? Prestando atenção e conversando a partir de materiais narrativos comuns (poemas, músicas, textos acadêmicos, clipes etc.)?

Por que?

Por que os encontros nos marcaram? Por que foram, para nós, experiência? Por que a disciplina nos atravessou? Nos transformou? Por que nos fizemos um coletivo *sentipensante* (Fals Borba, 2009)? Por que nos colocou diante de nossos não saberes, ignorâncias, preconceitos e incompletudes? Por que nos ensinou que nossas formas de ver e interpretar o mundo e a vida também compõem as formas com as quais tecemos a profissão, as relações, a pesquisa, nossa prática docente, entre tantos outros processos? *Aprendemosensinamos* que não há separação entre vida e pesquisa? Por que narrar, indagar e conversar sobre experiências *singularessociais* é uma forma de mobilizar o próprio pensamento e potencializar os nossos processos formativos (Reis, 2023; Ribeiro; Souza; Sampaio, 2018)? Por que narrar nos ajuda a expandir o presente e pluralizar modos de ver/ouvir/sentir a vida, o mundo, o vivido, as outras (Reis, 2014)?

Para quê?

Compete esta pergunta? Para que não fiquemos imóveis, inertes? Para que possamos nos colocar em movimento, reconhecer nossas potências, afirmar nossas vitalidades e vozes? Abraçar nossas ignorâncias? Indagar nossos preconceitos? Compreender a vida, o mundo, os processos vividos de modos mais complexos e dinâmicos (Najmanovich, 2022)? Para denunciar as mazelas do mundo? Para desconstruir sistemas de opressão, violências e preconceitos, ainda que no universo minúsculo e cotidiano de nossas relações (Silva; Ribeiro, 2022)? Para ressuscitar os vivos (Skliar, 2014)?

Pode o poema de um estudante, tecido como parte de um trabalho final da disciplina, dizer mais do que nós? Pode um poema nos instar a pensar sobre a potência da narrativa na pesquisa e na formação, na vida-formação?

Ressuscitei.
Mataram-me vivo.
Silenciaram-me durante quatro décadas,

Mas pela aventura ressuscitei,
Novamente voltei à vida.

Todos, todas e todes colegas da turma agradeço.
Sou grato por me terem tirado da caixinha.
Afiml, conversando podemos realizar pesquisa?
Que maravilha é a possibilidade de pesquisar com e não sobre!
Que maravilha é a possibilidade de compartilhar experiências com
outros atores sociais!

Quem dera poder replicar este novo olhar da pesquisa com outros
pesquisadores!
Realmente tiraram-me da caixinha.
Se ontem estava preso entre a pesquisa quali-quantitativa,
hoje fui atravessado pela Narrativa.
Que talvez se enquadre numa das duas, mas com outras perspectivas.

Não vou mais deixar-me morrer como a Negrinha narrada em
Monteiro Lobato.
Não vou mais deixar-te: vou agarrar-te,
Prender-te e apreender-te enquanto pesquisador.
Quero conquistar a minha autonomia.
Será que era necessário galgar montes, atravessar rios e mares para
ressuscitar...?
Não importa o que for,
Pela Narrativa ressuscitei. (Tongogara Simão Eugénio, 2022, s.p.
Trabalho final de disciplina de doutorado).

Narrar para ressuscitar as vivas? Narrar para ressuscitar a nós mesmas? Narrar para enredar o pensamento, tecer o conhecimento, o saber, a sabedoria em rede? Narrar para abraçar nossas ignorâncias e colocá-las em movimento? Narrar para pluralizar os mundos que conseguimos ver e escutar? Narrar para nos redescobrirmos a nós mesmas? Revisitar nossas formas de *sentirviver* o mundo? Nossas miradas? Deslocar as zonas limítrofes do pensamento? Narrar na busca por compreender nossa vida-formação como fonte de conhecimento e saber? Como possibilidade de tecer e viver redes formativas, de sentidos, de saberes? Assumir nossa condição de sujeitos *sentipensantes* no e com o mundo? Desinvisibilizar nossos territórios e assumir sua incompletude (Freire, 2005), seu inacabamento, assim como o nosso?



Susan Sontag me disse que “Uma sociedade capitalista requer uma cultura com base em imagens. Precisa fornecer grande quantidade de entretenimento a fim de estimular o consumo e anestesiarem as feridas de classe, de raça e de sexo”. Penso nas imagens que ferem:

vidas perfeitas,
comidas lindas e insossas,
amores inatingíveis,
corpos inalcançáveis.

Anestesiada, mas ciente de meus privilégios, monto meu cenário instagramável: ao fundo, meus livros de professora de Língua Portuguesa uma imagem da artista PcD Frida Kahlo uma foto minha, em Buenos Aires, apontando a placa “Viva la Escuela Publica”, minhas anotações do doutorado, uma dobradura de tsuru, que fiz mentalizando coisas boas, Sontag falando da força da arte e da política, André Aciman falando de amor em um pedido: “Me chame pelo seu nome”.

Uma folha branca à espera da síntese dessa disciplina. Provocada a pensar em uma ecologia de saberes, à existência de corpos, amores, linguagens e experiências plurais, a saberes ancestrais que podem evitar o fim do mundo e tantas outras provocações à distância, em vivências on-line. Sotaques e lugares diversos. Marcas, cicatrizes. Narrativas. Tudo *interligadocosturadobordadodesenhadoescritolido*.

Decolonizado, me chamando pelo nome.

“Ser professorapesquisadora deve ser isso, ou, pelo menos, desejo que seja” - afirma a Eliza que se vê e se sente refletida nisso tudo. (Eliza Cristina Vieira de Almeida, 2022, s.p. Trabalho final de disciplina de doutorado).

“Trata-se de terapia”, como muitos insistem em dizer? Tratar-se-á? Será? Estamos falando em focar no individual, no próprio, no intersubjetivo, no sujeito, única e simplesmente? Entre o “fazer ciência e pesquisa” tradicional, usual, “dentro do esperado”, “do convencionado” e o “fazer terapia” não existem muitos outros territórios possíveis? Nesses territórios se localizam, também, as narrativas como fenômeno e metodologia de investigação (Clandinin; Connelly, 2015)? Falar de nossos contextos, histórias, existências, experiências, ancestralidades é uma maneira de evocar dimensões constitutivas do cenário social (educativo, formativo, investigativo etc.) sobre o qual lançamos nossos olhares e sentidos?

O íntimo é político, como nos convida a pensar Luis Porta (2020)? A intimidade revela linhas e forças e regimes e hegemonias e supremacias e sistemas operando sobre nossos corpos e processos de subjetivação? Sobre as relações, cenários e contextos sociais vivenciados? Temos sido também autoras de gestos, discursos e ações em prol do fortalecimento de determinados sistemas de violência e opressão? Narrar é um convite para

olharmos para nós mesmas na fricção com o mundo, no desafio perceber como temos ressoado certas violências, silenciamentos, invisibilizações?

Os oprimidos interiorizamos os opressores (Freire, 2005)? Temos nos dados conta de que nós também somos *oprimidasopressoras*? Que precisamos olhar para nós e as outras, nosso encontro, os espaços que nos separam e aproximam?

A pessoa gorda não consegue esconder aquilo que gera preconceito com ela, não consegue mascarar o seu corpo, o que acaba por reforçar uma culpa. Essa culpabilização é incentivada por atitudes gordofóbicas que desconsideram as diversidades corporais, e que não entendem da questão multifatorial da construção do corpo dos indivíduos (metabólicos, genéticos, sociais e estruturais), individualizando essa questão. E reforçada pela indústria das dietas, da estética que criam discursos ideológicos comumente propagados no senso comum, como por exemplo: “só é gordo quem quer”, reforçando uma espécie de meritocracia da magreza. (Bruna Lucila de Gois dos Anjos, 2022, s.p. Trabalho final de disciplina de doutorado).

Nesse sentido, as pesquisas narrativas são compostas por esse constante jogo de composição e decomposição, pois nas construções coletivas não existem verdades absolutas, mas construções de caráter provisório em um permanente processo de mudança. Nada é posto, mas construído através da relação de afetação com o outro por meio dos relatos, formando uma colcha de retalhos ou uma constelação de vozes que se entrecruzam nesse processo (Ramallo; Andrade, 2019). (Adriana Teixeira Ferreira, 2022, s.p. Trabalho final de disciplina de doutorado).

As questões de identidade se tornaram um ponto central na forma que compreendi e me relacionei com a disciplina. Podemos olhar inicialmente pela própria formação da turma que são alunos de diferentes gêneros, países, culturas, compreensão e vivências de mundo e tudo isso nos molda fazendo com que tenhamos diferentes perspectivas frente a uma mesma problemática, tornando a verdade relativa, como foi amplamente discutido em aula. (Lidiane Moraes Buechen Lemos, 2022, s.p. Trabalho final de disciplina de doutorado).

Escutar a voz da outra, aproximar-se um pouco dos sentidos, em sua vida, em seu corpo, em sua investigação-vida, de suas experiências vividas pode nos transformar? Emudecer? Sacolejar? Arremessar contra nossas invisibilizações? Descompor? Dessacralizar nossas certezas?

Reproduzimos sistemas de opressão e violência?

Racismo?

Machismo?

Lgbtqiafobia?

Capacitismo?

Ouvintismo?

Xenofobia?

Gordofobia?

Com que narrativas fomos tecidas e narrativamente nos tecemos? Que narrativas têm ganhado espaço em nossas vidas, pesquisas, textos? Que *narrativasimagens* (Ferraço, 2011) ganharão território em nossas investigações-vidas e suas formas de difusão?

A aula é o próprio encontro, a própria conversa, o próprio movimentar o pensamento em torno de perguntas? Perguntas comuns? Perguntas que mobilizam, inquietam, atravessam, fazem arder, eriçam, convidam, instigam, silenciam, emocionam, convocam?

O encontro, a conversação, o processo coletivo e singular vivido é a própria formação? Estar sendo, estar-se fazendo pesquisadora narrativa? Espichando nossos olhares?

A potência da rede está em sua pluralidade? Em sua impossibilidade de contenção, de generalização, de normatização? A rede é o próprio fluxo, os movimentos, as multiplicidades, as conversações, as fricções, os encontros e desencontros que sucedem em seu acontecer? A potencialidade da rede está em sua dimensão conversacional?

Por isso uma disciplina/formação como espaço para narrar nossas existências, vidas, territórios, vozes, ancestralidades? Por isso uma disciplina para *sentirpensar* juntas? Por isso uma disciplina onde exercitar a escuta? Por isso a escuta como princípio primordial na conversa? Como princípio indissociável da investigação-vida?

Escuta como princípio, ato e gesto?

Escuta como modo de fomentar e habitar a conversa?

Conversar?

Enredar?

Conversar pode ser uma experiência de nos encontrarmos com nossas contradições, com nossos medos, saberes, anseios, sonhos e desejos, de modo a inventar outras formas de ser, estar, conhecer, existir, pensar com outras (Reis; Oliveira, 2018)? Conversar como escuta atenta, sensível, generosa, (auto)reflexiva? Conversar pode ser um gesto de experimentar o abandono do lugar de especialista, de detentor da razão, de conhecedor da verdade, do lugar de proprietário da resposta correta? Conversar pode ser partilhar experiências de fragilidade, existências singulares, pensamentos e sentimentos próprios, saberes autorias, pessoais, coletivos, comunitários (Ribeiro; Skliar, 2020)?

Conversar como forma de colocar o pensamento em movimento? Conversar desde temas e perguntas disparadoras, ao modo de Paulo Freire e seus temas geradores (Freire, 2005)?

Temas geradores são temas grávidos de vida, atravessados pelas questões que ardem e atravessam nossos corpos e existências? Temas geradores são assuntos que pulsam em nossas vidas, em nossos processos investigativos e profissões? Temas que nos dão a pensar, que nos incomodam, interpelam, inquietam? O que interessa, numa investigação-vida, numa pesquisa narrativa, são os temas geradores das vidas, das relações, das existências, das experiências, dos processos que vão ganhando corpo e espaço?

Disso se trata a investigação-vida (Godoy; Ribeiro, 2021)? A pesquisa narrativa? Os estudos com os cotidianos? Trata-se de cartografar narrativamente o vivido, no fluxo mesmo do seu acontecer? De registrar, narrar, partilhar, dar a ver? De indagar? De conversar como escutar e guardar?

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.
Em cofre não se guarda coisa alguma.
Em cofre perde-se a coisa à vista.

Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.

Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela, isto é, estar por ela ou ser por ela.

Por isso melhor se guarda o voo de um pássaro
Do que um pássaro sem voos.

Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica,
por isso se declara e declama um poema:
Para guardá-lo:
Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:
Guarde o que quer que guarda um poema:
Por isso o lance do poema:
Por guardar-se o que se quer guardar. (Cícero, 2006, p. 11)

Narrar e conversar como guardar? Como acolher? Como indagar? Como colocar as diferenças e vozes sobre à mesa? Narrar e conversar como derrubar muros? Pluralizar o olhar? Gerar intimidade com vozes outras? Estranhar? Afrontar a mesmidade? Implodir o modelo normal? Abraçar a própria ignorância? Habitar a incompletude? Com-versar? Discordar? Eriçar? Tecer redes? Trans-formar-se com a outra?

Conversamos sobre nossas pesquisas? Sobre atravessamentos de nossas investigações-vidas? Sobre como o mundo atravessa e, às vezes, pulsa, arde e dói em nossas vidas-pesquisas-formações? Nos modos como vemos a nós mesmas?

Conversar para diminuir as invisibilidades que temos produzido? Para confrontar processos de invisibilização, refugio e desperdício de experiências *singularessociais*? Para enfrentar as violências que nós também ajudamos a perpetuar? Racismo, machismo, lgbtqiafobia, ouvintismo, xenofobia, eurocentrismo, como tantas outras formas de silenciamento e opressão presentes/ausentes em nossos textos, pesquisas, vidas? Como estão presentes em nossos referenciais, em nossas escritas, em nossas reflexões? Com que lentes temos olhado a pesquisa, a formação, o conhecimento, a ciência, a vida, a nós mesmas?

É a perspectiva de formação em rede, essa perspectiva rizomática, conversacional, uma possibilidade de fortalecimento coletivo dos sujeitos? O que muda quando mudamos o jeito de olhar? Quando nos percebemos coautoras dos processos vividos? Quando compreendemos as outras pessoas também como coautoras desses processos? Como isso impacta nossas leituras e “análises” tecidas com os cotidianos e narrativas dos sujeitos?

Contar e recontar histórias das nossas experiências e histórias de vida podem se constituir como atividades estruturantes nos espaços de coletividade educativos. As narrativas têm potencial para fortalecer o coletivo e vice-e-versa, além de indicar para a troca de conselhos, saberes e práticas entre narradores e ouvintes. Este movimento enseja uma rede de conhecimentos em que se estabelecem diálogos e negociações entre diferentes saberes e múltiplos significados. A interação e a interlocução entre os sujeitos geram uma sensação de segurança e pertencimento, e a de que não estamos sós (Giselle Mendes dos Santos, 2022, s.p. Trabalho final de disciplina de doutorado).

Narrar para tornar o mundo um lugar menos árido, seco, monolíngue, normalizante, desperdiçador de experiências e monocromático? Por isso investigar narrativamente? Por isso conversar e escutar como gestos de investigação-vida? De vida-formação?

Seguir perguntando é o que nos resta? É essa a potência da formação em redes? Da educação tecida como composição rizomática, como conversação?? Que se vai costurando no e com o encontro? No e com o acontecimento do doutorado? Teremos conseguido viver isso na disciplina de pesquisa narrativa e formação docente? Quem poderia dizer que sim? Quem poderia dizer que não? A experiência não é singular para cada uma?

Portanto, seguir perguntando?

Considerações Finais? Palavras em aberto para seguir conversando e se trans-formando com a outra?

Pode um texto que pergunta concluir-se? Pode um texto tecido de perguntas finalizar alguma possibilidade de pensamento? O que pode um texto, uma escrita, uma pesquisa quando toma a narrativa e a experiência como nutrientes? O que pode um texto como conversa com narrativas, memórias e experiências?

Retomo a pergunta “Por que pesquisar narrativamente em Educação?” e vejo esses fios todos, de experiências e memórias, entrelaçando meus *textostecidos* nas linhas do caderno, da costura, da palma de minha mão. Destino? Não sei. Machadianamente, meio cartomante, com olhos de cigana oblíqua e dissimulada, olho pra minha caixa de costura e minhas estantes de livros à espera de um apólogo que não acontece. Hilda Hilst me socorre: “Costuro o infinito sobre o peito/Como aqueles que amam”. Como costurar essas conversas infinitas? Não tenho respostas. Apenas sigo... Atenta e forte. (Eliza Cristina Vieira de Almeida, 2022, s.p. Trabalho final de disciplina de doutorado).

Encontros

Segundas.

Começo de semana, o dia de promessas que não se realizam?

Prefiro dia de histórias que se estreitam. Afeto para além das telas.

Recomeço!

Encontros de carinho e acolhimento, conforto doce para momentos de desesperança,

De morte, de apagamentos

Renascer é necessário!

Caminhar com perseverança,

Semear para multiplicar, nutrir para fortalecer.

É tempo de plantar, novas sementes epistemológicas são lançadas

Renovar!

Adocicar, perfumar e colorir com novas sabores, aromas e cores.

Somos novos todos os dias!

E nos renovamos com as outras, outros e outres...

Somos movimento! A vida é como um grande balanço, vai e vem, vem e vai.

Com friozinho na barriga, mas a sensação de liberdade, de sempre ir além...

Olhar por outros ângulos, prismas e direções.

Assim também é na pesquisa, nas narrativas acadêmicas.

Que história você quer contar? Que pesquisa você quer fazer?

Da partilha coletiva surgem novos caminhos...

Escutar, sentir, enxergar para reconhecer em nossos corpos

A grandeza que o novo nos convida.

Voltamos para a nossa terra, mas não somos mais os mesmos...

Trazemos conosco as marcas das narrativas plurais e seguimos.

Reexistência! Resistência!
Encontramos. (Rosângela Silveira de Carvalho, 2022, s.p. Trabalho final de disciplina de doutorado).

Dá para separar vida, pesquisa e formação? Narrativa, sentido e experiência? Vivemos e nos constituímos narrativamente, como ensinou a teoria narrativa (Ricoeur, 2010)? Somos narrativas? Somos narrativamente? Estamos sendo? Coletiva e singularmente?

A pergunta “O que muda, em nossas pesquisas e discursos, quando o reconhecimento da pluralidade e da ecologia é pressuposto?” me lembrou a seguinte história escrita por Eduardo Galeano em seu texto intitulado: “O livro dos abraços”: A função da arte/1

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajara, para o Sul.

Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando.

Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto o seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.

E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai:

- Me ajuda a olhar! (2007, p. 15)

A pergunta da aula, os textos da disciplina e as lembranças que acordam na minha caminhada, desde a humildade de quem sabe que sabe pouco, me convidam a tentar compreender o mundo em suas complexidades, pluralidades e diversidades, colocando-me ou tentando me colocar em diferentes corpos e olhares, convidando-me também a tentar ser um/a outro/a e, assim, a partir deste convite, poder reconhecer-me nas diversidades.

Muitas vezes, tenho me sentido como Diego, pedindo ajuda aos/as outros/as para poder olhar o mundo e sua diversidade e outras vezes, tenho me sentido como o pai de Diego, que frente às perguntas de meus estudantes ou sobrinhos/as, tenta acompanhá-los e complementá-los amorosamente mediante as palavras, gestos e olhares.

A história de Galeano me propõe outro desafio e que vai junto com o reconhecimento das pluralidades que surgem quando mirámos com os olhos dos/as outros/as. Este desafio é compreender, saber e sentir-se que nós também somos o mar, que sou e somos parte dele como todos nós formamos parte do todo.

Baseando-me na história de Galeano, e posicionando-me nos olhos de Diego, surpreso por ver o mar, penso que também sou e somos o mar, somos a terra, somos homens, mulheres, trans, gays, indígenas, mestiços/as, negros/as e, por fim, somos seres do universo-terra-mar, seres singulares e ao mesmo tempo unidos/as/es desde nossas diferenças, que, de alguma maneira, às vezes conscientes ou não tão conscientes, estendemos nossas mãos para pedir ajuda, para poder olhar e olhar-nos.

A pergunta desta aula me leva a outras perguntas: O que acontece em meu corpo e em meu espírito quando olho o horizonte e me encontro com as diversidades humanas? Respondo-me: A maioria das vezes fico como Diego, de boca aberta ante tanta beleza, ante tantas narrativas e experiências que são desenvolvidas por cada pessoa e narrativas que vão contando histórias e que também vão contando minhas histórias (José Felipe Cornejo Omeño, 2022, p.1, Trabalho final de disciplina de doutorado).

Narrar e conversar para ver o mar? Por que não?

Referências

- ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, I. B.; ALVES, N. (orgs.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**: sobre redes de saberes. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2008.
- BARROS. Manoel de. **Livro sobre nada**. Ed. Record. Rio de Janeiro. São Paulo, 1996.
- BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Pesquisa formação narrativa (auto)biográfica: trajetórias e tessituras teórico-metodológicas. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; CUNHA, Jorge Luiz; BOAS, Lúcia Villas. (Orgs.). **Pesquisa (auto)biográfica**: diálogos epistêmico-metodológicos. Curitiba: CRV, 2018, v.1, p. 65-81.
- CÍCERO, Antonio. **Guardar**: poemas escolhidos. 3ªed. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- CLANDININ, Jean; CONNELLY, Michael. **Pesquisa Narrativa**: experiências e história em pesquisa qualitativa. 2ª ed. Uberlândia, MG: EDUFU, 2015.
- CORAZZA, Sandra Mara. **Artistagens**: filosofia da diferença e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. 3ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- FALS BORDA, Orlando. **Una sociología sentipensante para América Latina**. Compilado por Victor Manuel. Moncayo; Bogotá: Siglo del Hombre; Clacso, 2009.
- FERRAÇO, Carlos Eduardo. Currículos em realização com os cotidianos escolares: fragmentos de narrativas imagens tecidas em redes pelos sujeitos praticantes. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo. **Currículo e educação básica**: por entre redes de conhecimentos, imagens, narrativas, experiências e devires. Rio de Janeiro: Rovel, 2011.
- FERRAÇO, Carlos Eduardo. Eu, caçador de mim. In: GARCIA, Regina Leite (org.). **Método**: pesquisa com o cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- FLORE, Val. **Una lengua cosida de relámpagos**. Buenos Aires, Hekht, 2019.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 48ª Reimpressão. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços** 2 ed. Porto Alegre: L&PM, 2007.

GERALDI, Wanderley. **A aula como acontecimento**: São Carlos: Pedro e João, 2015.

GODOY, Rossana; RAMALLO, Francisco; RIBEIRO, Tiago. **Investigaciones-vidas en educación**. Conversar, escuchar, constelar. La Serena, Chile: Editorial de la Universidad de La Serena, 2022.

GODOY, Rossana; RIBEIRO, Tiago. Chuva de estrelas: entre metáforas e narrativas para sentir/pensar caminhos investigativos desde nossas ancestralidades. **Educação Unisinos**. 25, 2021.

KILOMBA, Grada. **Memórias de Plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o quê**: sobre o ofício de professor. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

NAJMANOVICH, Denise. **Novos Paradigmas na ciência e pensamento complexo**. Rio de Janeiro: Ayvu, 2022.

PORTA, Luis. La expansión biográfica en investigación educativa. Movimientos y aperturas metodológicas. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, v. 5, n. 16, p. 1747-1764, 29 dez. 2020.

REIS, Graça; OLIVEIRA, Inês; BARONI, Patrícia. **Dicionário de pesquisa narrativa**. Rio de Janeiro: Ayvu, 2022.

REIS, Graça; OLIVEIRA, I. B. Aprendizagens coletivas e ecologia de saberes: as rodas de conversa como autoformação contínua. In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches. **Conversa como metodologia de pesquisa**: por que não? Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

REIS, Graça Regina Franco da Silva. **Por uma outra Epistemologia de Formação**: Conversas sobre um Projeto de Formação de Professoras no Município de Queimados. 2014. 196 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

RIBEIRO, Tiago; SKLIAR, Carlos. Escolas, pandemia e conversação: notas sobre uma educação inútil. **Série-Estudos** - Periódico Do Programa De Pós-Graduação Em Educação Da UCDB. Mato Grosso do Sul, n 55, set/dez., p.1-18, 2020.

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches. **Conversa como metodologia de pesquisa**: por que não? Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

RICOUER, Paul. **Tempo e Narrativa 2**: A configuração do tempo na narrativa de ficção. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

SILVA, Aline Gomes da; RIBEIRO, Tiago. Interseccionalidades e surdez: em busca de um bilinguismo antirracista e anticapacitista. **Revista Espaço do Currículo**, v. 15, n. 1, p. 1–16, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rec/article/view/62845>. Acesso em: 24 out. 2022.

SKLIAR, Carlos. **Desobedecer a linguagem**: educar. Belo Horizonte: Autêntica, 2014

Apoio FAPERJ

Revisores de línguas e ABNT/APA: *Mirna Juliana Santos Fonseca*

Submetido em 24/02/2023

Aprovado em 08/11/2023

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)